



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**BEATRIZ PEREIRA DO NASCIMENTO**

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE AS  
PERSPECTIVAS TRADICIONAL E CONTEXTUALIZADA.**

**GUARABIRA**

**2016**

**BEATRIZ PEREIRA DO NASCIMENTO**

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE AS  
PERSPECTIVAS TRADICIONAL E CONTEXTUALIZADA.**

Trabalho de Conclusão de Curso Submetido à  
universidade Estadual da Paraíba para fins de  
requisitos necessários para obtenção do Grau de  
Licenciatura em Letras sob Orientação do Professor  
Dr. Juarez Nogueira Lins.

**GUARABIRA**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244e Nascimento, Beatriz Pereira do

O ensino de gramática na sala de aula: [manuscrito] : reflexões sobre as perspectivas tradicional e contextualizada. / Beatriz Pereira do Nascimento. - 2016.  
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras".

1.Gramática. 2. Ensino tradicional. 3. Ensino contextualizado. I. Título.

21. ed. CDD 372.61

BEATRIZ PEREIRA DO NASCIMENTO

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE AS  
PERSPECTIVAS TRADICIONAL E CONTEXTUALIZADA.**

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: *Linguística*

Aprovada em: 19/10/2016

BANCA EXAMINADORA

*Juarez Nogueira Lins*

Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Rafael Francisco Braz*

Prof. Ms. Rafael Francisco Braz

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Auricélio Soares Fernandes*

Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, por me iluminar e me dar força para seguir sempre em frente, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ser meu escudo e minha fortaleza durante esta minha caminhada.

Aos meus avós que sempre me apoiaram e acreditaram na minha capacidade.

Ao meu pai, tios e tias pelas prestações dadas ao longo de minha formação.

À minha mãe, que apesar das dificuldades, sempre investiu em minha educação.

Aos meus irmãos.

Ao meu namorado, pelo apoio e compreensão e por ser minha inspiração para crescer e evoluir sempre.

Ao meu Professor Orientador, pela paciência e dedicação que tornaram possível a realização deste trabalho.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade, como também de apoio e compreensão.

Aos demais professores do curso que de uma forma e/ou de outra, contribuíram para esta minha formação e fazendo, assim, despertar-me o amor e o apreço pela profissão.

“Entre o porque e o por quê há mais bobagem gramatical do que sabedoria semântica”

(MILLÔR FERNANDES, 2000)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 O ENSINO TRADICIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>10</b>
<b>2 AS PERSPECTIVAS DE INOVAÇÃO PARA O ENSINO DA GRAMÁTICA.....</b>	<b>12</b>
2.1 AS TEORIAS .....	12
2.2 OS PCNS E O ENSINO DE GRAMÁTICA.....	17
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

# **O ENSINO DE GRAMÁTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE AS PERSPECTIVAS TRADICIONAL E CONTEXTUALIZADA.**

Beatriz Pereira do Nascimento

## **RESUMO**

O ensino de Gramática pode apresentar dificuldades para os alunos do ensino básico, em virtude da valorização de uma insistente postura metodológica tradicional/descontextualizada de muitos docentes. Postura esta que já não atende às demandas linguísticas atuais da escola; da aula de língua portuguesa. Diante desse quadro de dificuldades, buscaram-se alternativas para efetivar o ensino de gramática, de forma contextualizada. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é levantar algumas reflexões acerca do ensino de gramática tradicional e contextualizada. Para isso, fizemos uso de alguns pressupostos teóricos de ANTUNES (2007 e 2003) que traz alguns direcionamentos sobre o ensino de língua e gramática em sala de aula; GERALDI (2006) que salienta a importância do uso do texto no ambiente escolar; BAGNO (2004) e as questões da variações Linguísticas, DUTRA (2003) que traz reflexões sobre o ensino dos padrões gramaticais; FARACO (2009) o qual enfatiza os pensamentos do Linguista Bakhtin; MUSSALIN E BENTES (2006) que abordam significativas teorias acerca dos estudos linguísticos e os PCN (2001). Essa é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e interpretativista. Percebemos que apesar da desmotivação dos alunos e das dificuldades de aprendizagem, o tradicional ainda permanece na sala de aula. No entanto, as significativas contribuições advindas dos estudos da língua, trazem novas perspectivas para este ensino, surgindo lugar para um ensino de gramática contextualizada.

**Palavras Chaves:** Gramática; Ensino Tradicional; Ensino Contextualizado.

## **ABSTRACT**

The Grammar teaching can be difficult for students of basic education, due to the appreciation of an insistent traditional methodological approach/decontextualized by many teachers. This stance that no longer meets the current linguistics demands of school, for the Portuguese language class. Against this framework of difficulties, alternatives are sought to effect the grammar teaching in context. on this, the objective of this research is to raise some thoughts about traditional and contextualized grammar. For this, we have made use of some theoretical assumptions from ANTUNES (2007 and 2003) that brings some directions on the language and grammar teaching in classroom; GERALDI (2006) who stresses the importance of the uses of texts in the school environment; BAGNO (2004) and the Linguistics variation questions Dutra (2003), that brings reflections on the grammatical patterns teaching; FARACO (2009) the one who emphasizes the thoughts of Bakhtin; MUSSALIN & BENTES (2006) that address significant theories of language studies and the PCN (2001). This is a qualitative research with a bibliographic and an interpretive nature. We realize that in spite of the lack of motivation of students and the learning difficulties, the traditional still remains in the classroom. However, significant contributions arising from language studies, bring

new perspectives to this education, emerging place for a contextualized grammar teaching.

**Key- words:** Grammar; Traditional Education; Contextualized Teaching

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de gramática em sala de aula enfrenta alguns desafios; dentre os quais se destacam as dificuldades de aprendizagem por parte do aluno, das “regras gramaticais”, a ausência de sentido desse ensino para alunos e professores e, a dificuldade deste último em realizar algo diferente, contextualizar a aula. Diante destes desafios Levantamos os seguintes questionamentos: o que é uma aula contextualizada? De que forma o professor pode, sem fugir de suas práticas cotidianas, contextualizar suas aulas de gramática. É possível efetivar a gramática contextualizada na sala de aula?

Assim, este artigo parte destas questões com o objetivo de trazer algumas reflexões sobre o ensino de gramática, na aula de Língua Portuguesa (LP), a partir do tradicional até o uso da gramática contextualizada, uma gramática que, verdadeiramente, faça sentido para os educandos (ANTUNES, 2007). Para atingir esse objetivo tomamos como pressupostos teóricos os estudos de ANTUNES (2003, 2007, e 2014) a qual tece relevantes reflexões para com o ensino de língua e de gramática, e gramática contextualizada; GERALDI (2006), o qual salienta a importância do texto na sala de aula; BAGNO (2004), que enfatiza a importância da variação linguística nas aulas de LP, DUTRA (2003) que tece discussões sobre o ensino das regras gramaticais, FARACO (2009), que aborda alguns preceitos sobre a linguagem, a partir dos pensamentos de Bakhtin, MUSSALIN E BENTES (2006) e os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (2001) em Língua Portuguesa.

Sendo assim, esta é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e interpretativista. No primeiro tópico discute-se o ensino tradicional da língua e da linguagem, destacando suas práticas e suas dificuldades. No segundo tópico, as perspectivas atuais para a inovação do ensino de LP e de gramática – as teorias linguísticas e os nortes dos PCN (1998) e as metodologias de ensino de gramática aplicada à tradição e outras possibilidades. No terceiro tópico abordam-se as reflexões e as possibilidades para o uso de gramática contextualizada.

## 2 O ENSINO TRADICIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

Durante muito tempo, os profissionais dedicados à linguagem se renderam aos usos gramaticais adotados por aqueles que viam a linguagem clássica como modelo de língua. Esses usos eram centrados na descrição dos aspectos internos da língua, com o objetivo de torna-la única, invariável e inflexível. Diante deste contexto, vê-se que a gramática surgiu como um instrumento de poder, na época medieval<sup>1</sup> como um critério de dominância que perdura até os dias de hoje. Neste sentido, DUTRA (2004) nos diz que

A gramática, como a conhecemos hoje, foi, portanto, criada como um instrumento político de controle, sem o qual não seria possível uma união satisfatória da região Ibérica. Mais de 500 anos se passaram desde que Nebrija publicou sua *Gramática Castellhana*, e até hoje nossas gramáticas normativas refletem essa mesma orientação política do final de Idade Média (DUTRA, 2004, p. 18).

Advinda desse cenário de controle, a Gramática Tradicional, se embasa em uma ideologia elitista que se propõe em sistematizar o uso da língua e que menospreza tudo aquilo que não faz parte de um sistema social; de elite, ou seja, todo uso linguístico local, principalmente à modalidade linguística pautada na fala. Essa questão traz ecos para o ensino, para a aula de língua portuguesa.

Quando se fala em ensinar a língua portuguesa, constrói-se uma concepção socialmente equivocada frente a muitos falantes da língua, na qual o ensino de língua portuguesa condiz, necessariamente, em ensinar gramática, em especial a uma gramática tradicional. Certamente, esta visão equivocada está atrelada a visão monopolista em relação ao trato com a gramática, trato este que, infelizmente, ainda é objeto que norteia muitas das aulas de língua portuguesa. Assim, é perceptível um

---

<sup>1</sup> Na Espanha de Isabela de Castela em 1492. Esta gramática buscava justamente “acabar” com os falares regionais de Castela, que era visto como “linguagem chula, de baixo calão; expressão de ignorância da Língua-pátria” e introduzir a ‘padronização’ da língua, ou seja, ditos de regras de como falar e escrever bem a língua materna. Esta introdução objetivava ‘limpar’; ‘purificar’ a língua de todo povo castelhano, longe de todo dito local que caracterizava aquela comunidade. Para o contexto da época, a imposição desta padronização era vista como uma estratégia de domínio da coroa Espanhola que visava unificar a península ibérica e para isso tinha que ‘começar’ unificando toda a língua castelhana. O dialeto local do povo castelã era visto como uma forma de empecilho para a nobreza, pois estes falares evidenciavam sentimentos e culturas locais, que por sua vez constituía um mecanismo de ameaça para a unificação da Península. A solução seria tentar eliminar os vestígios dos falares populares e impor uma língua que nada tinha a ver com as circunstâncias reais de uso que aquele determinado povo fazia da língua. Assim, as regras gramaticais passaram a se efetivar como um real manual de utilização da língua (DUTRA, 2004).

uso desenfreado de conteúdos e regras gramaticais dentro da sala de aula, sendo que estas devidas regras pouco fazem sentido e relevância na vida dos alunos.

Diante desta perspectiva, Bagno (2004) afirma que:

Os professores que ensinam a língua nas escolas, em sua maioria, seguem inteiramente as prescrições das gramáticas normativas e estão imbuídas da convicção de que a norma nelas fixada deve ser observada integral e exclusivamente não só pelos alunos, mas igualmente por quaisquer pessoas que escrevam (BAGNO, 2004, p. 16).

É diante desta forma de ver o ensino gramatical que o insucesso da aprendizagem da língua portuguesa se efetiva, uma vez que o espaço escolar deixa cada vez mais a 'desejar' no tocante em ensinar a língua. Assim, ao sair da escola os alunos sentem-se convictos de que a língua portuguesa é muito difícil e que 'não sabem português'. E, isso, sem dúvida, deve-se à enorme escala de distanciamento entre a língua falada e os padrões estabelecidos para o que é escrito, ou seja, deve-se ao fato de tratar a gramática como objeto primordial a sala de aula.

Assim, no lugar de ensinar a língua em seu real contexto de uso, como propõe Antunes (2003), a escola preocupa-se em ensinar uma língua baseada em frases desencadeadas, soltas que pouco contribui e nem faz sentido na vida dos educandos, Persiste em ensinar uma gramática fora dos textos, com a única intenção de alcançar os efeitos de padronização de uma língua, baseada em exemplos puramente tradicionais em que exposições de sentenças são vistas como interface que permeia o processo de ensino aprendizagem no espaço educacional.

Deste modo, a concepção segundo os Parâmetros Tradicionais condiz que o ensino de Língua Portuguesa limita-se em ensinar a gramática como sendo a única variante-padrão aceita na sociedade, salientando esta como sendo estática no tempo, resistindo a todo sinais de mudanças que fazem parte da língua em uso, deixando de lado assim, os fatores externos, inerentes à língua. Fatores estes que os falantes tomam para si e que faz todo sentido no processo de interlocução em que o falante se situa (ANTUNES, 2003).

Num ensino baseado nos moldes tradicionais, os alunos terminam o ensino fundamental e médio sem ler e interpretar textos adequadamente, e muito menos dominando regras de conteúdos gramaticais. Assim, o ensino de língua se desenvolve na sala de aula, sem se efetivar na vida dos educandos. O aluno passa a ver que a aula de português não tem relação com sua realidade, uma vez que, a linguagem utilizada na escola não é utilizada em seu dia a dia: são frases isoladas,

sem sentido, que se apoiam apenas em regras e casos particulares. Regras que estão no livro, mas fora dos contextos do uso da língua. Em decorrência, dessa forma tradicional de ensinar língua portuguesa, os alunos acabam não gostando das aulas de português, porque não há sentido para eles (ANTUNES, 2003).

Com todos esses problemas gerados na aula de português, se faz necessário chamar à atenção dos professores para uma reflexão de como está sendo ensinada a língua portuguesa, hoje, quais as demandas linguísticas necessárias na contemporaneidade? O que mudou e como podemos nos inserir nessas mudanças? A partir dessas reflexões ele poderá se inserir em novas práticas pedagógicas que apresentem novas perspectivas para o ensino de LP.

### 3 AS PERSPECTIVAS DE INOVAÇÃO PARA O ENSINO DA GRAMÁTICA

#### 2.1 AS TEORIAS

A partir da década de 80, começaram a se desenvolver inúmeras pesquisas no campo dos estudos linguísticos. Estudos cuja preocupação era explicar a língua/linguagem através de significativas teorias oriundas observação da língua em uso. Neste cenário, destacaram-se a Interação/dialogismo bakhtiniano<sup>2</sup>; a sociolinguística influenciada pelos estudos de Antoine Meillet, a Pragmática segundo os pressupostos de Herberland e Mey e a Análise do Discurso advinda dos estudos de Pêcheux, entre outros tantos.

A teoria da interação/dialogismo concebida por Bakhtin trata a língua como um fator contínuo de interação mediada pelo diálogo, assim, a linguagem é concebida como uma atividade de prática social situada em um contexto de comunicação concreto. Havendo, portanto, a necessidade do **eu** e do **outro** para constituir o ato de interação comunicativa. Assim, para o autor:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo fato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social de interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2006. p. 123).

---

<sup>2</sup> Os estudos de Bakhtin são do início do século XX, mas começaram a florescer no Brasil, aproximadamente, a partir da década de 80.

Nesta perspectiva, o círculo de Bakhtin apresenta uma visão de linguagem em oposição à língua enquanto estrutura fechada, distante de um contexto, ou seja, vê a língua nas suas relações com o social. Ocupa-se com o que ocorre no diálogo, isto é, com o “complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali” (FARACO, 2009, p.61). Assim, ele nos leva a perceber que a língua materna não é arquitetada por vocabulários cultos ou estruturas gramaticais, mas por enunciados concretos que os falantes produzem na efetiva comunicação com os outros.

Neste caso, a língua concentra-se em função de seus locutores e interlocutores. Deste modo, não cabe discutir em sala de aula, por exemplo, o que é sujeito sem levar em consideração o contexto sócio histórico em que o sujeito se encontra inserido; a relação desse sujeito com o outro, com o mundo.

Entretanto, a sociolinguística estabelece que a linguagem e a sociedade são categorias que estão diretamente equivalentes entre si. Neste sentido, a língua passa a ser pensada como uma questão substancialmente social no campo dos estudos linguísticos. Acerca disto, Meillet in Mussalin (2006) nos diz que:

Ora, a linguagem é eminentemente um fato social. Tem-se frequentemente repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há regras para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular (2006, p. 16)

Nesta perspectiva, a língua é vista como um produto que os usuários da língua instituem, ou seja, percebida dentro do uso que o falante desta mesma língua faz dela (língua).

Segundo Bright *in* Alkimim (2006, p. 28), o objeto do estudo da sociolinguística é a diversidade linguística. Assim, diante desta “diversidade” a variação linguística necessariamente é integrante. Por este ângulo, a variação da língua é o ponto crucial do trato sociolinguístico.

Para a sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação dos fenômenos linguísticos. As diferenças linguísticas observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais (BRIGHT, 2006, p. 42).

Neste caso, do ponto de vista da sociolinguística, língua e variação são elementos indissociáveis, que tratam os fenômenos linguísticos relacionados ao

contexto social e cultural em que o falante está inserido, ou seja, a língua não é homogênea, ela varia de acordo com as inúmeras situações de uso. Exemplos deste fenômeno ocorrem com frequência no ambiente escolar, como no caso do uso de *nois* trazido pelo aluno para sala de aula, e dito no horário do recreio escolar. Tal forma, adequada a essa situação de uso, poderia não ser aceita pelo professor, na sala de aula, onde a forma prevista gramaticalmente é: *nós*. Assim, do ponto de vista sociolinguístico, tal fenômeno passa a ser visto como diferença e não erro. É um uso que fazem parte da nossa Língua Portuguesa e que não podem ser desprezados no processo de ensino de língua.

No mesmo rumo de uso da linguagem segue o pragmatismo linguístico, o qual se concentra em conceber a língua/linguagem dentro de um contexto comunicativo. Neste âmbito, Segundo Herberland e Mey a pragmática:

Analisa de um lado, o uso concreto da linguagem com vistas em seus usuários e usuárias na prática linguística, e, de outro, estuda as condições que governam essa prática. Assim, a pragmática pode ser apontada como a ciência do uso linguístico. (PINTO in MUSSALIN, 2006, p. 48).

Para esta teoria, os fenômenos linguísticos não são constituídos apenas por um sistema de convenção, mas também por elementos novos; criativos que se interagem durante o processo de comunicação (PINTO in MUSSALIM, 2006). Um falante que não compartilhe esse mesmo contexto de interação, certamente terá seu entendimento corrompido no ato de comunicação linguística. Assim, “explicar a linguagem em uso é não descartar nenhum elemento não convencional” (PINTO in MUSSALIN, p. 49,2006). Ou seja, é através de um aparato simbólico, extra aos fenômenos linguísticos, que o produtor do discurso se apropriou para estabelecer determinado anunciado.

Neste caso, os “aspectos linguísticos são sistematicamente submetidos a exames para valorizar sua condição de constituinte social. As variações sintáticas e fonológicas são estudadas pela sua significação social para os falantes” (PINTO in MUSSALIN, p.65, 2006). Assim, não é ‘produtivo’ descrever a língua como um elemento estático, único, mas sim, como ela deve ser manuseada a partir das múltiplas possibilidades que a língua oferece.

Partindo destes requisitos, um falante que não vivencia, ou que até mesmo nunca tenha ouvido falar em *seca*, por exemplo, certamente, não produzirá um

verdadeiro significado da palavra. Isso se dá pelo fato da não contextualização do usuário da língua perante os sentidos da palavra propriamente dita.

Saindo desta perspectiva, a Análise do Discurso (articulação entre Linguagem, História, Sujeito e Ideologia) relaciona determinado meio de produção da língua àquilo que propiciou sua produção, ou seja, permite identificarmos, a partir do uso da linguagem quais mecanismos ideológicos fazem parte deste determinado uso. A AD deixa claro que *mecanismos ideológicos* estão atrelados às concepções de mundo que regem o sujeito na sociedade. E que os aspectos históricos e sociais são categorias que conduzem as condições de produção de um discurso (MUSSALIN, 2006).

Assim, o que é produzido pelos usuários da língua tem relação com elementos que vão além do código, ou seja, os elementos extralinguísticos<sup>3</sup> se incorporam ao discurso do sujeito tornando este preponderante no processo compreensão discursiva. Neste caso o sujeito é visto como um ser que ocupa um lugar social e a partir disto enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras (MUSSALIN, 2006).

Neste caso, o espaço em que o falante da língua se situa, seus aspectos ideológicos e culturais se tornam fundamentais no processo de produção discursiva. Partindo desses pressupostos, Para Mussalin (2006) a Análise do Discurso estabelece a relação entre o discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerassem determinados efeitos de sentido e não outros.

Deste modo, não basta apenas saber a semântica da palavra 'golpe'<sup>4</sup>, por exemplo. Esta não faz um mesmo efeito de sentido em todos os falantes, mas está atrelada ao momento histórico e político daqueles que defendem uma ideologia de esquerda. Neste caso, conhecer esse universo histórico e político da palavra é essencial para o entendimento dos sentidos.

Enfim, todas essas teorias linguísticas abordadas, anteriormente, têm influência e relevância para o ensino de gramática em sala de aula. Elas, de um modo geral, tratam a língua como um elemento de interação social. Em outras palavras, o ensino da gramática deve levar em conta a língua em sua própria

---

<sup>3</sup> Elementos que estão fora da língua; no meio social e nas experiências e conhecimentos de mundo do falante e que refletem no processo de comunicação humana.

<sup>4</sup> Golpe: Palavra em voga na mídia e outras instituições, no momento socio-histórico presente da sociedade brasileira.

inserção dentro dos aspectos sociais em que vivem os falantes. Diante disto a compreensão destes e de outros estudos teóricos podem subsidiar o professor para o trabalho relevante com a prática de língua portuguesa dentro do ambiente escolar.

A perspectiva interacionista fornece subsídio para o trabalho com a gramática porque estabelece que o ensino deva acontecer a partir de um processo contínuo de interação entre os indivíduos. Assim, de pouco vale um uso gramatical que não se efetive no ato comunicativo dos falantes. Não é interessante a elaboração de conteúdos soltos, desprovidos de uma prática de comunicação, nomenclaturas gramaticais que os usuários da língua não usam, não tomam em práticas discursivas. É muito mais significativo atrelar o uso padrão às práticas de comunicação. Nesta concepção, não cabe à percepção de uma única norma para o português, mas de diferentes normas; e em muitos aspectos é preciso uma gramática para cada tipo de situação, para cada discurso (IRANDE ANTUNES. p. 42).

A sociolinguística fornece fundamentos para o ensino de gramática atrelado às variações que a língua apresenta. Nesta perspectiva, não cabe uma gramática homogeneizadora, os moldes tradicionais de conceber a língua padrão como única, mas uma gramática atrelada às múltiplas formas de uso que a língua portuguesa fornece. Assim, a aprendizagem vai se conduzindo de modo a mostrar as múltiplas facetas que a língua evidencia, evitando, conseqüentemente, o fenômeno do preconceito linguístico dentro da sala de aula, pois a língua é um complexo de variedades, um aglomerado de variantes (BAGNO, 2004). Preservar apenas uma variedade linguística (a padrão), dentre várias, é *fracassar* o ensino de Português no espaço educacional é não *ensinar* a língua portuguesa em sua amplitude.

Os estudos pragmáticos são relevantes para a perspectiva gramatical porque significam a língua dentro de um contexto de comunicação. Assim, nada têm de significativo para os discentes, certas situações comunicativas que não se situam dentro desse contexto de comunicação. No exemplo a seguir, apresenta-se uma situação: Locutor: – *Puxa vida, as janelas estão abertas, que frio. E o interlocutor: - não se preocupe, irei fechá-las.* Embora o falante não tenha solicitado que as janelas fossem fechadas, o interlocutor fez uma inferência de que o locutor queria que as janelas fossem fechadas. No exemplo, percebe-se que o contexto no qual a comunicação está inscrita é essencial para a compreensão do enunciado emitido.

Quanto maior o domínio da linguagem no contexto e não, das regras gramaticais, maior será a capacidade de o aluno vir a compreender os enunciados implícitos.

A Análise do Discurso pode fornecer para o ensino de gramática uma reflexão acerca dos usos desta e as ideologias que este determinado uso traz consigo. Ora, estes determinados usos são transmitidos através de textos. Assim, nenhum texto é estático, ele traz consigo ideologias, significados que se completam com os conhecimentos sociais que os falantes armazenam consigo. Assim, estudar o discurso é fornecer para os aprendizes uma visão ampla dos fatos da linguagem dentro de uma sociedade cultural, histórica e ideologicamente situada.

Finalmente, são visíveis as contribuições destas teorias linguísticas para a prática pedagógica do professor de língua Portuguesa. Este profissional que precisa ter ciência de que não há mais espaço para ensinar a língua desprezando o lado social da linguagem. A percepção e utilização destas correntes teóricas conduzem ao docente dotar sua prática de maior qualidade. No próximo tópico abordaremos os PCNS apresentando suas principais diretrizes para o ensino de língua e de gramática.

## 2.2 OS PCNS E O ENSINO DE GRAMÁTICA

Há aproximadamente três décadas, o ensino de língua portuguesa vem sendo alvo de preocupação e discussão entre muitos estudiosos. Observou-se que a escola apresentava dificuldades referentes ao ensino da leitura e escrita e que a gramática, que por si só, não era capaz de garantir a leitura e escrita dos diversos gêneros de textos que circulam socialmente, tornou-se a grande vilã.

E na realidade, por ser confundida com o ensino de língua portuguesa, ela, realmente o era, ou ainda o é. Nesse contexto de discussões, estudos e críticas, surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), em Língua Portuguesa, no caso, com o intuito de nortear o trabalho do Professor e *reestruturar* o ensino de Língua Portuguesa com o objetivo de garantir, de fato, a aprendizagem efetiva da nossa língua materna.

Assim, a partir dessa *reestruturação*, o trabalho com a gramática passou a ser concebido dentro das próprias produções dos alunos, na medida em que eles fossem precisando e necessitando de tal uso gramatical. Partindo deste argumento, os PCN (2001, p, 89) nos alerta que “é no interior da situação de produção de texto,

enquanto o escritor monitora a própria escrita para assegurar sua adequação, coerência, coesão e correção, que ganham utilidade os conhecimentos sobre os aspectos gramaticais”. Neste caso, saber conteúdos gramaticais como sujeito, orações coordenadas de subordinadas, pontuação, verbo, por exemplo, não garante a leitura e escrita de textos com qualidade. Outros elementos, como a gramática que os alunos trazem para a sala de aula, também são importante no aprendizado de língua portuguesa.

Neste cenário, o trabalho do professor passa a ser constituído a partir da atenção no eixo da aprendizagem dos alunos, em que os conhecimentos que eles (os alunos) depositam em seus textos, que eles trazem para a sala de aula se tornam o meio para a utilização do ensino de gramática na educação básica. Neste sentido, é imprescindível que o professor diagnostique quais os conhecimentos; que comportamentos com os conteúdos gramaticais, os educandos trazem para sala de aula e depositam em suas produções, para assim poder embasar-se (o professor) acerca dos pontos que mais são propício para sua atuação e delimitação acerca dos pontos gramaticais. Assim sendo, os PCN (2001, p. 123) nos orientam:

É necessário que o professor investigue quais os conhecimentos que os alunos já construíram sobre a linguagem para poder organizar a sua intervenção de maneira mais adequada [...] esse procedimento precisa ser garantido não só no início dos ciclos, mas durante todo o processo de ensino e aprendizagem.

Nesta perspectiva, o conhecimento prévio do aluno seriam a ponte entre a prática do professor e a eficiência do ensino de língua e de gramática. É levando em consideração o que os alunos já sabem, eles vão articulando e construindo conhecimentos sobre o que ainda não sabem. Assim, é praticando, fazendo uso da própria língua, explorando suas múltiplas possibilidades de uso em cada contexto de produção, que os conteúdos gramaticais ganham sentido e relevância para a aprendizagem dos educandos.

Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) manifesta-se em oposição ao ensino de gramática tradicional; gramática está que se fixa em procedimentos meramente metalinguísticos no uso da linguagem, e, ao invés disso, propaga-se um ensino de língua voltado a atividades de interação, levando em consideração os aspectos socioculturais da linguagem.

Desta forma, os PCN's assumem uma perspectiva sociointeracionista<sup>5</sup> em conceber a linguagem, em que o uso linguístico condiz em uma interação mútua dirigida a uma finalidade específica. Neste sentido, a língua ganha significados de acordo com seu uso dentro de um determinado período de tempo; dentro de um determinado contexto social. Diante desta perspectiva, aprender linguagem condiz em conhecer todo o aparato cultural que uma língua específica traz e traduz: expressões, costumes e sentimentos de um determinado povo. Partindo destes pressupostos, os Parâmetros Curriculares nos orienta que:

A língua é um sistema de signos históricos e sociais que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade de si mesmas (PCNS, 2001, p. 24).

Ao levar em consideração a língua dentro de um contexto de interação, os parâmetros orientam o ensino de português a partir de usos extremamente sociais, vinculada dentro de cada contexto de uso, uma vez que os alunos não só aprendem as palavras em se deparar com a linguagem, mas aprendem também tudo que é social, histórico e cultural dentro da língua.

Neste sentido, o ensino de gramática faz-se relevante dentro dos próprios gêneros produzidos pelos alunos, levando em consideração os critérios de adequação ou inadequação dos conteúdos gramaticais, o porquê que determinada situação exige-se o uso padrão e em outras não e, assim, significar o uso da gramática normativa.

#### **4. GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADA: POSSIBILIDADES**

É de fato que muitos professores ainda trabalham com ensino de gramática a partir de uma metodologia tradicional. Diante disto, as teorias linguísticas apontam para mudanças na metodologia de ensino de LP, e neste, o ensino gramatical. Deste modo, é possível e, também, necessário, abordar essas novas metodologias de ensino, saindo de uma educação de língua cuja única preocupação seja a descrição

---

<sup>5</sup> Sociointeracionismo: Teoria concebida por Lev Vygotsky a qual defende que o sujeito compreende a linguagem a partir do contato deste com outros sujeitos na sociedade, no meio social.

de nomenclaturas e o estabelecimento de regras gramaticais. Tal perspectiva deixa os alunos cada vez mais desmotivados para o aprendizado da própria língua, se fazendo necessário, então, partir para uma perspectiva de uso contextualizado da gramática.

De acordo com Antunes (2007) o ensino contextualizado da gramática condiz em *olhar* o seu funcionamento dentro dos mais diversos tipos de textos, dentro das múltiplas variações que o texto apresenta, correlacionando e trazendo o uso dos conteúdos de gramática dentro daqueles (textos) que mais retratam a realidade dos alunos em sala de aula<sup>6</sup>. A referida autora (2007) ainda argumenta que o falante se torna competente, quanto mais ele usar norma e diferentes registros. Mas essa norma descrita dentro de um gênero textual específico.

Portanto, usa-lo nas aulas de língua portuguesa é indispensável. Assim, a perspectiva de gramática contextualizada contempla a função das normas gramaticais à realidade dos educandos dentro dos mais variados textos. Isso porque em uma abordagem contextualizada, a variação aparece naturalmente (ANTUNES, 2007).

Desta forma, vale a pena discutir com os alunos, de forma reflexiva, dentro dos mais variados gêneros que circulam na sociedade, o que é norma, correção, erro, adequação, inadequação para aquele determinado propósito comunicativo. Com a finalidade de despertar nos alunos a convicção de que os requisitos gramaticais só tem relevância se forem percebidos segundo o critério de adequação ou inadequação da língua, ou seja, em quais momentos, em quais variações, exigem-se o comportamento com a linguagem em obediência ao padrão gramatical.

Partindo destes critérios, o trabalho com as variações, com as múltiplas modalidades de textos, por exemplo, se tornam requisitos básicos para as aulas de língua portuguesa. E claro, os requisitos gramaticais tem que ser, prioritariamente, abordado no meio destes. Uma vez que, diante da necessidade de abordar um ensino de gramática contextualizado nas aulas de língua portuguesa, faz-se relevante apontar algumas possibilidades para esse tipo de trabalho, objetivando encaminhar o professor para um manejo com a língua capaz de desenvolver nos alunos seu lado reflexivo perante os fenômenos da linguagem.

---

<sup>6</sup> O uso gramatical contextualizado corresponde, aqui, em ensinar determinados conhecimentos gramaticais de maneira que haja 'conexão' ao contexto de vida em que os alunos estão inseridos. Como por exemplo, ensinar o que é sujeito e relacionar o seu conceito e o seu papel à prática dos alunos, visto estes (alunos) como um efetivo sujeito na sala de aula e na sociedade.

Tomamos como exemplos duas propostas: uma de Antunes, uma aula tradicional e as possibilidades de aula contextualizada. E outra dos PCN (2001). A proposta de Antunes foi extraída do seu livro *Muito além da gramática* (2007).

A autora mostra que para se trabalhar com a língua portuguesa foi exposta para os alunos do ensino fundamental a estrofe de *Comunhão* de Milton Nascimento em parceria com Fernando Brant (1982):

Eu quero paz, eu não quero guerra  
 Quero fartura, eu não quero fome  
 Quero justiça, eu não quero ódio  
 Quero a casa de um bom tijolo  
 Quero a rua de gente boa  
 Quero a chuva na minha roça  
 Quero o sol na minha cabeça  
 Quero vida, não quero a morte não.

Logo em seguida era exigido para os alunos detectarem:

1. Quantos versos e estrofe(s) tem esse poema?
2. Escreva os substantivos abstratos do terceiro e do último verso.
3. Destaque todos os substantivos existentes no texto e escreva-os ao lado de cada verso. Lembre-se que os substantivos é uma palavra que dar (sic) nome aos seres, ações, sentimentos, qualidades, sensações.
4. Marque X na alternativa correta.  
 A palavra roça é:  
 substantivo comum  
 substantivo composto  
 substantivo primitivo  
 substantivo derivado

*Fonte: Muito além da gramática – Antunes (2007).*

Realmente, não se trata de uma atividade que contribua para desenvolver a capacidade comunicativa do aluno (a). Como diz a autora, não explora o gênero, a interpretação, o contexto sócio histórico, os sujeitos... De acordo com Antunes (2007), nenhum usuário da língua ler um texto para procurar substantivos, verbos, por exemplo, mas sim, se ler textos procurando sentidos, emoções etc. E é através da unidade de sentido do texto que deve moldar as aulas de língua portuguesa. Além disso, o poema foi fragmentado, reduzidos a explorações apenas a um conjunto de palavras para serem analisadas isoladamente, ou seja, de maneira descontextualizada, como se esta não fizesse parte do poema.

Seria muito mais significativo começar a aula explicando para os alunos a funcionalidade do texto em questão, para que ele serve, como ele (os alunos) podem utilizar tal gênero na vida cotidiana. E, logo, em seguida partir para a leitura e análise do poema em si, os sentidos possíveis que se pode extrair do mesmo, o que o autor pretende, qual o seu propósito comunicativo.

Vendo em que linguagem, se este está escrito em uma linguagem formal e informal, formular hipóteses da situação em que o poema foi inscrito, se exige mais formalidade ou menos formalidade, atentando-se sempre para os requisitos de adequação ou inadequação da língua.

Para trabalhar na perspectiva contextualizadora, o trabalho de língua deve partir do texto e levar em consideração os seguintes caminhos: Texto (Gênero Textual)<sup>7</sup>, Função, Análise, Interpretação e Reflexão sobre o texto e Questões Gramaticais dentro do texto. Desta maneira, tudo o que concerne o ensino de língua tem que ser no texto, ou seja, contextualizado, isso porque “tudo o que deve interessar no estudo da língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas” (ANTUNES, 2007). Assim, pode-se perceber que a gramática existe em função do texto, e não ao contrário.

Também os PCN's (2001) nos apontam que mais significativo seria, ainda, se pegasse os próprios textos dos alunos como recurso didático nas aulas de língua Portuguesa para poder se trabalhar com a gramática em sala de aula. Neste contexto, toma-se como mais uma possibilidade de reflexão para o ensino de língua, a produção de um aluno X, que integra os PCN, (p.75).

JUÃO E MARIA  
 Era uma vez um menino  
 Que se chamava João e  
 Uma menina que se  
 chamava Maria  
 um dia eles dois foram  
 na floresta e foram dei-  
 xando uns milhos para não  
 se perder mais vieram os  
 passarinhos e comeram todos  
 os milhos e os dois se perderam  
 e acharam uma casa e bateram  
 na porta e atendeu uma  
 bruxa e pegaram os dois  
 para por no caldeirão  
 e quando a bruxa foi  
 por eles dois no caldeirão  
 o João deu um chute na

---

<sup>7</sup> Texto é toda construção humana e Gênero textual é uma forma, mais ou menos estabilizada, com determinada função.

bruxa e ela foi pro  
cauderão os dois fugiram  
e viveram felizes para  
sempre. (PCNS, 2001).

Diante desse texto, um professor (a) que valoriza a doutrina gramatical, certamente, iria apontar aos erros gramaticais e em virtude da quantidade de erros, desvalorizar o texto do aluno. Isso causaria uma verdadeira frustração entre os alunos em sala de aula acerca da aprendizagem da língua Portuguesa. E o real significado do texto?

De acordo com Antunes (2007) é bem mais significativo trabalhar o sentido da mensagem que o aluno quis passar para um possível leitor; que tipo textual e gênero ele produziu com o seu texto, ou pelo menos, qual gênero que mais se assemelhou. Mostrar, a partir disto, para os educandos que o uso linguístico que ele utilizou é *inadequado* para determinado contexto comunicativo. Para isso faz-se necessário situar, antes, os alunos acerca do momento de produção - “escrever para quem e para quem” (ANTUNES, 2007). É a partir destes requisitos que os conteúdos gramaticais ganhariam sentido para a aprendizagem dos educandos.

Quanto aos aspectos da gramática: a pontuação, mostrando para ele qual a função que determinado sinal causaria em seu texto (o que causaria), caso ele estivesse empregado adequadamente em seu texto.

Do mesmo modo, poderíamos fazer com a questão ortográfica dentro da produção em questão, mostrando para o aluno sua adequação ao contexto padrão, salientando o reflexo que a oralidade proporciona para a variação que se distancia da gramática normativa. Assim, expressões como ‘veis’, ‘minino’, ‘juão’, por exemplo, presente na produção do aluno, não cabe ser tratados como certo ou errado, mas como um fenômeno que faz parte da língua e que reflete na ‘hora’ da produção do texto, cabendo adequá-los à determinada situação em que o norma padrão é preponderante.

O mesmo, poderia ser feito com questões relacionadas à coesão e coerência do texto, atentando-se para quais elementos poderia ser substituído ou conectado para garantir a clareza e a continuidade do próprio texto dos alunos. Depois disso, procede-se a reescritura.

Diante disto, a gramática só faz sentido se for explorada dentro do texto e de preferência que estes textos sejam as próprias produções dos alunos. (ANTUNES,

2007). A partir disto, os alunos vão construindo seu próprio conhecimento gramatical, percebendo, segundo critério de adequação ou inadequação de usos linguísticos, o uso eficaz da língua em suas mais variadas manifestações. Cabendo, assim, uma revisão do ensino gramatical tradicional em favor de uma gramática contextualizada.

Para isso, exige-se dos professores uma boa formação linguística, ou seja, um amplo fortalecimento dos conhecimentos linguísticos atrelado à natureza funcional da língua, assim como, sua concretização no âmbito do uso discursivo do falante.

Sendo assim, as duas propostas apresentadas são viáveis para a sala de aula porque comporta a gramática em funcionalidade, atrelada a um determinado Gênero Textual, distanciando-se de uma prática de ensino voltado para as explorações de nomenclaturas de palavras e normas gramaticais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho trouxe uma reflexão acerca de alguns aspectos sobre a realidade problemática do ensino da gramática em sala de aula, problemática esta constituída pelo modo tradicional de conceber a língua – o uso do padrão, prática ainda comum, apesar de todos os estudos voltados para novas perspectivas de ensino de linguagem, língua portuguesa.

Estudos que culminaram nos PCN e em outros instrumentos de orientação didática a disposição dos professores. Prática que ainda insiste em permanecer, apesar da desmotivação dos alunos, apesar da insistência de alguns docentes em inovar o ensino de língua materna. Apesar de tudo isso, o tradicional permanece.

No entanto, as significativas contribuições advindas dos estudos linguísticos, trazem novas perspectiva para este ensino, perspectivas estas que tratam a língua como uma fonte de utilização social. Neste sentido, surge lugar para um ensino de gramática contextualizada, ou seja, uma gramática dentro e em função dos mais variados gêneros textuais que circulam na sociedade, uma gramática que conceba a língua a partir das ações, participações e interações dos sujeitos.

Acredita-se que a maior dificuldade do professor está em inter-relacionar as teorias linguísticas estudada no curso de licenciatura e a aplicação desta na

realidade em sala de aula. Assim, espera-se que este trabalho não só colabore com as pesquisas no campo dos estudos acadêmicos, mas também, ‘contribua para abrir novos horizontes para o “caminhar do professor”, coadjuvando-o em sua prática, conduzindo-o para uma linha metodológica de maior qualidade, que contemple os aspectos funcionais da língua e repense sobre o que seja o “certo e errado” dentro dos padrões gramaticais.

Ao finalizar este trabalho, concluímos que a gramática é indispensável no ambiente educacional, mas não devemos homogeneizá-la e privilegiá-la em sala de aula, mas sim, utilizar procedimentos novos, capazes de propiciar uma aprendizagem baseada nos usos sociais da língua, atrelando-se aos gêneros de textos e suas variações, incluindo, neste, os conhecimentos linguísticos que os educando carregam na sua bagagem cultural.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**/Irande Antunes, São Paulo: Parábola Editorial. 2007.
- ANTUNES, Irando 1937. **Aulas de Português, encontros e interações**/Irande Antunes. São Paulo: Parábola, 2003;
- BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da Norma**. 2º ed. Loyola. 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. Ed. Brasília, 1998.
- DUTRA, Rosália. **O falante gramático: Introdução à prática do estudo e ensino do Português**/Rosália Dutra. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: As Ideias Linguísticas do círculo de Bakhtin**/ Carlos Alberto Faraco – São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- GERALDI, J. W. **O Texto em Sala de Aula**. / João Wanderley Geraldi (org.); Milton José de Almeida. (et. Al.). 4º ed. São Paulo: Ática. 2006.
- MUSSALIN, F. BENTES A. C. **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras, v.2**/ Fernanda Mussalin, Anna Christina Bentes (Org.) -5º ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 12º ed. Hicitec. 2006.